

ASPECTOS DO JORNALISMO BRASILEIRO

Epitácio Torres
Membro da Academia
Brasileira da Ling
ua Portuguesa

OLAVO BILAC E O JORNALISMO

Ainda está por ser feito o estudo do papel exercido por nossos intelectuais e escritores na imprensa, porquanto o jornalismo sempre seduziu nossos homens de pensamento, mormente os de espírito mais combativo e atrevido.

Dentre os escritores que desde o início de sua carreira literária abraçaram o jornalismo, podemos citar Humberto de Campos, Antônio de Alcântara Machado e Olavo Bilac.

Através das colunas dos jornais, defendendo as *Universitas*, Salvador, (26): 31-41, jul./set. 1979

causas justas do povo e clamando contra as injustiças sofridas pelos desafortunados da sorte, dignificaram a atividade jornalística a um ponto raras vezes alcançado. Particularmente no caso de Olavo Bilac.

A exemplo de outros tantos, apaixonou-se também ele pelo jornalismo. Fez jornalismo no melhor estilo brasileiro e, por volta de 1883, começou a fazer seus primeiros versos e a aparecer na afanosidade da imprensa. Desta forma foi impondo-se ao conceito público e, graças a seu gênio e a sua preocupação de dizer as coisas com arte, granjeou o título de *Príncipe dos Poetas*. O que lhe saía da pena era trabalhado, burilado, sonoro e musical. Quem se dispuser a analisar sua obra, verificará que nela tudo é perfeito. O poeta era, no entanto, simples, quer falando, escrevendo ou vivendo.

O jornalismo absorveu a maior parte de sua vida, nele ingressando pela mão amiga de Ferreira de Araújo. A propósito, escreveu: "Nunca esquecerei, em cem anos que viva, a manhã do ano de 1884, em que vi um dos meus primeiros sonetos estampados na primeira página da "Gazeta". Doce e clara manhã - talvez fosse, realmente, uma agreste manhã, feia e chuvosa; mas a minha alegria, o meu orgulho de rimador novato, a minha vaidade de poeta impresso, eram capazes de acender um sol de verão na mais nevoenta alvorada de inverno." Desejou, depois, continuar escrevendo para o jornal. "Essa satisfação - revelou tempos depois - tardou mas veio. Entramos dois, no mesmo dia, ambos chamados pelo bom sorriso daquele doce mestre que foi Ferreira de Araújo. Entramos dois no mesmo dia, 24 de abril de 1890. Aquele que entrou comigo, *mor Universitas, Salvador, (26): 31-41, jul./set. 1979*

reu poucos anos depois, em 1895: era Pardal Mallet. Juntos fundáramos *A Rua*, um jornal que morreu do mal de sete...números, e logo depois viemos colaborar efetivamente na "Gazeta". Alguém, ao saber da estréia dos dois, disse com malícia: "Singular idéia esta, de hospedar dois macacos em loja de louça". o que, até certo ponto, era justificado pela reputação revolucionária que trazíamos das páginas vermelhas de *A Rua*".

Quanta ansiedade, sacrifícios e lutas para romper a barreira. O próprio poeta relembra esse período: "A 'Gazeta' era para mim um acropólio fúlgido coroado de estrelas, perdido entre as nuvens: o meu desejo, tonto e ansioso, andava em torno dela, como um lobo esfomeado em torno da presa cobiçada. Felizmente, a minha mocidade não permitia mortificações prolongadas: depois de um namoro de uma hora, lá me ia eu, rua abaixo ou acima, sonhando e rimando. Tudo então me parecia digno de rima: o sol que esplendia, a chuva que toldava o céu, o olhar de uma mulher que passava, o bater dos seus pés na calçada, uma criança que sorria, um velho que manquejava, as flores nas costas das floristas ambulantes, as fachadas das casas, as jóias, que ardiam nos mostradores dos ou rives, e até a tristeza dos aleijados que pediam esmola. Tudo para mim era ponto de partida de um sonho. Os meus passos moviam-se dentro de uma nuvem perfumada. Nem sempre os meus sapatos tinham as solas perfeitas, nem sempre as minhas calças tinham a barra sem fiapos. Mas o meu andar era soberano e firme como o de um deus orgulhoso perdido na terra. Os meus dezoito anos eram uma riqueza tão grande que a riqueza dos outros não me podia causar in

veja."

Lendo as crônicas de assíduo labor jornalístico, percebe-se-lhe toda a dor, toda a experiência e de silusão que há nas coisas e nos fatos. A ironia toca de leve a sua obra da mocidade, e uma tristeza, que vem dos desejos incontentados e das ânsias insatisfeitas, verte da alma aberta do grande artista, e nota-se que ele sofre da mesma melancolia da raça e se debate no mesmo estigma merencório autóctone.

Atravessou o *Príncipe dos Poetas* a existência combatendo a mediocridade literária da época, criando inimigos e detratores gratuitos - causados em virtude de seu raro talento e superioridade - e enfrentando a pobreza em que quase sempre viveu.

Procurou, em "O Combate", elevar o Brasil, o que conseguiu, medindo a grandeza e traçando-lhe a epopeia.

Seu verbo esteve sempre a serviço da Pátria, prevendo o "futuro do Brasil, que, esquecido da vaidade dos ambiciosos, e perdoando os erros ou inércia dos brasileiros maus, somente abençoará o trabalho hercúleo e anônimo dos construtores de nosso civilismo e nunca o gado humano atual - referia-se aos homens de sua época -, impotente e encurralado dentro das convenções fúteis e revoltantes, farrapos de criaturas, ex-homens a quem o fantasma do terror explora o seu trabalho diminuto e os vergasta e os conduz como a uma vara de porcos, submissos e passivos à luz do século, homens sem ânimo, sem raciocínio e sem vigor, escravos do estômago, servos da iniquidade, bestas vestidas que anularam o coração, o prazer e se amortalharam mortos em vida a uma absten

ção sáfara, inimiga da própria humanidade e suas leis naturais, cuja permanência acidentada e caricata no planeta tem sido o deboche diversional dos povos cultos, porque não se educam, não progredem nem se rebelam."

Tal era o vigor de sua palavra, desabafando pelas colunas dos jornais. Autêntica tempestade contra a corrupção, o charlatanismo, a mediocridade, o medalhão, o academicismo improdutivo e os falsos valores na política, nas ciências e nas artes.

Moralmente abatido pela mediocridade que o rodeava, pela pobreza e pela incompreensão, morre Olavo Bilac em dezembro de 1918.

Suas últimas palavras: "Amanhece !... Dêem-me café! Vou escrever."

PRÉ-HISTÓRIA DO JORNALISMO

Foi em Atenas, segundo consta, que surgiram os primeiros sinais do jornalismo, se considerarmos o fato de terem Demóstenes, Platão, Aristides, Péricles, Aristófanes e tantos outros vultos célebres deleitado e "informado", nas praças, público e letrados curiosos. Derramavam suas agudas sátiras e mensagens repletas de prolepses, de asteísmos, de antífrases e de litotes.

Não constituíram as "Filípicas", por exemplo, matéria editorial sensacionalista? Essas personalidades proeminentes da Grécia não seriam, no fundo, dinâmicos jornalistas e argutos panfletários, dignos de aparecerem na primeira página dos jornais hodiernos? Não seriam eles, como acreditamos, os percursores dos polemistas e doutrinadores que surgiriam de *Universitas*, Salvador, (26): 31-41, jul./set. 1979

pois?

Comprovado está que as "Filípicas" de Demóstenes viram-se reproduzidas por ordem do tribuno graças ao esforço beneditino de copistas e foram largamente difundidas na Grécia e Macedônia, ao arrepio do progenitor de Alexandre. Constitui, sem dúvida, a obra de Demóstenes o primeiro ensaio de propaganda em terra inimiga, a exemplo do que faz hoje a aviação ao jogar panfletos sobre território adversário em tantos conflitos dos últimos anos.

Já os romanos possuíam em menor grau o gosto pela glosa e pela polêmica; no entanto, dispunham de tantas notícias para transmitir com respeito aos seus imensos domínios que foram impelidos a inventar um tipo de "boletim informativo", que na "Urbs" recebeu o nome de "Acta Diurna". Trata-se de um título que não ficaria mal atribuir-se a algum jornal cuja ambição se limitasse a publicar decretos, portarias, editais e cotizações da Bolsa.

As "Acta Diurna" foram, na realidade, o embrião em pergaminho do jornal, vendidas junto aos pórticos e que se davam a ler aos patrícios nos banhos públicos de Roma. Constituíam autênticos reflexos de quase todas as atividades de então. Registravam, igualmente, as efemérides, as nomeações dos magistrados, os discursos dos tribunos da plebe, os éditos, os espetáculos, os incêndios, os casamentos, os divórcios, os nascimentos, os necrológicos, as falências e as guerras. Mereciam destaque especial as diversões públicas, como os jogos e as atividades circenses, os sucessos literários e teatrais do momento.

As "Acta Diurna" não escaparam de severa censura

ra das autoridades, apesar de não conterem comentários de espécie alguma sobre os acontecimentos políticos.

Nem Cícero, Salústio, Suetônio, Tácito, Tito Lívio, nem mesmo Júlio César — que, na verdade, poderiam chamar-se jornalistas sem jornais, cujas obras teriam constituído magnífico material jornalístico — se utilizaram das "Acta Diurna" para divulgar suas epístolas, suas arengas, suas sátiras ou, no caso de Júlio César, seus comentários bélicos.

As primitivas manifestações jornalísticas das "Acta Diurna" subsistiram até a derrocada do Império Romano, formando o que os helenos denominavam efemérides, que registravam dia a dia os fatos raros — anedóticos alguns — da História, numa mescla de jocosidade e seriedade. As "Acta Diurna", que informaram a sociedade romana durante séculos, perderam-se, infelizmente, após a queda do Império.

Acreditamos, com Gaston L. Huysmans, da Escuela Superior de Periodismo, da Universidade de Buenos Aires, que as "Acta Diurna" registram as primeiras manifestações jornalísticas da História.

A COMUNICAÇÃO E A SUPERAÇÃO DA CRISE MUNDIAL

Afirmam Karl Mannheim, Pitirim A. Sorokin, Nicolas Berdiaff e Oswald Spengler — em sua obra "Der Untergrund des Abendlandes" — e outros pensadores, filósofos e historiadores contemporâneos que, desde há muito e por razões várias, o mundo está enfrentando uma nova crise, particularmente o Ocidente. As causas, denunciam, são fundamentalmente de ordem espiritual. De opção, diríamos nós outros, do secundária *Universitas*, Salvador, (26): 31-41, jul./set. 1979

rio sobre o principal. Explica-se, destarte, a importância atribuída ao que tem função mera e exclusivamente instrumental, com desprezo dos valores que emprestam autenticidade a uma civilização ou a um determinado período histórico.

Por termos - referimo-nos a nossa civilização greco-romano-cristão-judaica - valorizado demais os meios materiais por que se possibilita a construção do complexo histórico-cultural - encarados como fins em si mesmos - com desprezo dos fins genuínos que são os valores espirituais, o mundo moderno perdeu o domínio que deveria exercer sobre o seu destino. Daí a angústia e a conseqüente busca da Verdade e do Caminho que nos tiraria do caos em que nos encontramos envolvidos.

A Revolução Industrial iludiu uma época que havia perdido suas raízes e vinculações com a civilização greco-romana, principalmente. A Ética, a Política, as relações entre os homens, tudo foi esquecido diante das promessas - ilusórias, constatamos melancolicamente hoje - com que essa revolução nos acenava.

A civilização, pendendo mais, por catastrófico erro de perspectiva, ao tecnicismo, descurou do programa espiritual e moral que deveria tê-lo acompanhado. Isto rompeu, conseqüentemente, o equilíbrio que necessariamente teria de haver entre aqueles meios materiais e a finalística civilizatória, sem o que nenhuma cultura vinga permanentemente.

Do desvirtuamento, por conseguinte, resultou a presente crise por que passa a nossa civilização. Crise fundamentalmente de caráter ético-teleológico.

Uma das conseqüências desta crise, ou melhor, talvez sua própria gênese, tenha decorrido da posição subalterna em que se colocou a problemática humana. De fim em si mesma passou a constituir-se instrumento, e da incapacidade de o homem poder se entender, se comunicar com o semelhante, resultaram os problemas cruciais que atravessamos. Se quisermos vê-los resolvidos, teremos de envidar nossos melhores esforços no sentido de fazer corresponder à ética do domínio do homem sobre as coisas uma técnica de convivência humana que dissipe, ou atenuie, a impotência em que o homem contemporâneo se encontra diante da vida e dos outros homens. Inquirimo-nos - apreensivos com o rumo que o mundo pode tomar - da plausibilidade de esperar-se uma transformação da alma humana capaz de assegurar a existência das condições para essa virada.

Dizemos, com os especialistas na matéria, que o próprio destino de uma civilização se acha intimamente vinculado à boa ou má utilização da comunicação - entendida aqui como o meio por que o homem se comunica com a finalidade de transmitir a experiência, os costumes, a moral, as instituições e de resolver os problemas do grupo. De modo que, se o sistema de comunicação não puder expressar uma determinada civilização, esta tenderá a decair, tão relacionado está o binômio comunicação-civilização.

A comunicação é, como vimos, o veículo do progresso social. Através dela o homem organiza, estabiliza e transforma sua vida social e transmite igualmente o significado desta de geração a geração. O progresso social somente se faz pelo acúmulo, pela troca e pela transmissão de conhecimentos e experi

Universitas, Salvador, (26): 31-41, jul./set. 1979

ências, os quais, por sua vez, dependem da comunicação. Sem esta seria impossível a evolução social, forçando a sociedade humana a permanecer estática, dominada pelo comportamento instintivo e primitivo, não muito distante, pois, das sociedades dos outros animais.

Diremos, também consoante Dewey, que a sociedade não apenas continua a existir através da comunicação, mas de certo modo ela se originou em comunicação. O problema se reduz, portanto, em os homens conhecerem os elementos formadores da crise presente. Para tanto, mister se faz reduzi-los a termos lingüísticos e semânticos. Têm de chegar a termos precisos, a um entendimento a respeito do que se deve fazer, utilizando as palavras e as expressões com significados semânticos exatos, a fim de não se perderem em discussões estêreis e em mal-entendidos gizando que, por assim dizer, a análise e a solução da crise se reduz, praticamente, a um problema de comunicação.

Antes que as pessoas pudessem agrupar-se em sociedade, a comunicação era necessária — necessária para todos os ajustes e compreensão que a sociedade requer de seus integrantes, e para chegar aos acordos, sem os quais a sociedade se desintegraria.

Por vezes, o desentendimento, o conflito surge, como na conjuntura atual, em que mais se salienta a relevância da comunicação.

Concluimos ser possível chegar-se a um acordo sobre os problemas que nos ameaçam mediante a utilização acertada da comunicação, optando o mundo sobre qual será a direção da mudança, para que tanto

a sociedade quanto os indivíduos ajam em conjunto.

Formando uma instituição, determinado sistema de comunicação afeta e é influenciado por outras instituições. De correlação justa entre elas resultaria determinado tipo de comunicação que a sociedade terá e as tarefas que realizarão. Assim, se as forças sociais que irão orientar certo tipo de comunicações se encontrarem no ponto de poder traduzir as aspirações de progresso de seus componentes, isto fará diminuir os conflitos e atritos e dará nascimento à solução capaz de corresponder à mesma força e intensidade das aspirações do grupo.

Do estudo da comunicação, de suas funções, dos diversos elementos que compõem o que chamamos de problemática da comunicação, vai depender o equacionamento da presente crise, na esfera individual, nacional e internacional.